

Conceito de Psicologia: definições e atributos criteriais na opinião de universitários (**)

Luiz Fernando de Lara Campos(*), Alessandra Martinez,
Sandra R.Paes de Almeida e Marcus Vinicius P. de Oliveira

O objetivo do presente trabalho foi avaliar o conceito de Psicologia em estudantes universitários. Para tanto, foram sujeitos 198 estudantes universitários de Psicologia, Direito e Administração de Empresas. O instrumento utilizado foi um questionário com três perguntas fechadas de identificação e uma aberta, na qual se pediu aos sujeitos definirem Psicologia. A aplicação do instrumento ocorreu de modo coletivo. Os resultados mostraram que os sujeitos tendem a conceituar a Psicologia em função da identidade social desta ciência e profissão.

Palavras-chave: Formação de Conceitos, Psicologia, Identidade Social

Abstract

Concept of Psychology: definitions and criterial attributes in the opinion of university students

The goal of this research was measure the concept of Psychology of univertiy's students. The subjects were 198 university students of Psychology, Law and Management. The instrument was one questionarie with three ended questions about the subject identification and one open question which asked to subjects to define Psychology. The instrument application in collective way. The results showed what the subjects were inclined to appraise Psychology in function of social identity of this science profession.

Key words: Formation of Concepts, Psychology, Social Identity

A aprendizagem de conceitos: propostas teóricas

As diversas teorias psicológicas existentes tentam, de alguma forma, explicar o homem e as variáveis externas e internas relativas ao seu comportamento. Um dos fenômenos a serem explicados é a maneira como o Ser Humano consegue aprender/formar conceitos.

Os obstáculos para se conseguir uma explicação satisfatória sobre a aprendizagem de conceitos se inicia com a dificuldade de definir claramente o que é conceito, fato este que

obriga cada autor de adotar uma definição prévia (Flavell, 1976).

Embora as tentativas formais datem deste século, a busca da compreensão remete à antigüidade do pensamento humano, mais especificamente às obras de Platão e Aristóteles (Posner, 1980).

As tentativas de compreender científica e formalmente a aprendizagem de conceitos teve início na experiência realizada por Hull nos primeiros anos deste século (Millenson, 1975), dando origem à abordagem denominada behaviorista radical, que durante algum tempo foi a única a dar explicação para a origem deste fenômeno.

A partir da segunda metade deste século surgiram outras propostas teóricas explicativas para a aprendizagem de conceitos, das quais podem ser destacadas a teoria behaviorista mediacional de Osgood (1973), a abordagem cognitiva de Ausubel (Moreira, 1985) e a visão

(*) Departamento de Pós-Graduação em Psicologia - PUCCAMP & Departamento de Psicologia da Universidade São Francisco, Itatiba.

(**) Trabalho de pesquisa de campo parcialmente apresentado junto à disciplina PSA - 754 - "Aprendizagem de Conceitos", ministrada pelo Prof. Dr. José F.B. Lômonego - IPUSP.

Endereço para correspondência: Luiz Fernando de Lara Campos, Rua Uruguaiana, 1280 apto 502, CEP 13026-002, Campinas, SP - Telefone: (019) 251-9358.

probabilística ou natural de Rosh (Madeira, 1987; Gardner, 1985).

Assim, o behaviorismo radical propõe que a aprendizagem de conceitos ocorre através das leis de aprendizagem (condicionamento), sendo que o conceito não existe enquanto estrutura interna mas sim em termos do comportamento observável do sujeito, que seria denominado comportamento conceitual (Keller e Schoenfeld, 1968). Os elementos seriam incluídos ou excluídos de uma classe em razão das características (atributos) que possuam através do processo de discriminação das dimensões relevantes para sua inclusão ou não na classe e a conseqüente generalização. Esta proposta necessita de limites claros e precisos entre as classes para que o indivíduo possa discriminar e generalizar.

A proposta medicional de Osgood (1973) sustenta que entre o estímulo observável que antecede o comportamento conceitual e o próprio comportamento existe um elo mediador composto por reações mediadoras (ou simbólicas) comuns, que ocorrem diante de uma classe de estímulos. Estas reações são ao mesmo tempo a resposta ao estímulo externo e estímulo à resposta motora conseqüente.

Já a concepção cognitiva de Ausubel propõe que "a aprendizagem cognitiva é aquela que resulta no armazenamento organizado de informações na mente do ser que aprende e esse complexo é conhecido como estrutura cognitiva" (Moreira, 1985). As novas informações seriam absorvidas e assimiladas à estrutura cognitiva que o sujeito já possui (subsunçores), sendo posteriormente a fonte para a modificação desta estrutura.

A diferenciação entre aprendizagem mecânica e significativa é ponto importante na concepção ausubeliana. A aprendizagem mecânica pode ser compreendida como a aprendizagem de novas informações que não possuem muita ou alguma associação com conceitos já existentes na estrutura cognitiva do sujeito, enquanto que a aprendizagem significativa é aquela na qual uma nova informação se associa

a um aspecto relevante da estrutura de conhecimentos existente do indivíduo (Moreira, 1985). O importante é perceber que ambas as formas são pontos qualitativos diferentes na história de aprendizagem do indivíduo, sendo a aprendizagem mecânica o ponto de partida para a formação da estrutura cognitiva do sujeito, a qual servirá posteriormente de subsunçor às novas informações e assim sucessivamente.

A concepção probabilística ou natural de Rosh (Madeira, 1987) inova em termos da compreensão da aprendizagem de conceitos. Para esta autora, o sistema nervoso do homem estaria pré-programado para absorver e processar as informações oriundas do meio ambiente, que por sua vez também já estaria organizado. O indivíduo identificaria o protótipo (um exemplo representativo desta classe e que possui o maior número de atributos definidores e o menor número de atributos de fora da classe) e a partir deste referencial classificaria os demais elementos relativos ao protótipo.

A proposta de Rosh eliminou a possibilidade da interferência da linguagem na estruturação dos conceitos. A suposição inicial desta autora onde o determinismo lingüístico influenciava a aprendizagem de conceitos foi substituída por uma posição onde a linguagem não mais influencia o pensamento, mas sim os fatores cognitivos atuam sobre a formação da linguagem.

A dificuldade de se conciliar as abordagens clássica e probabilística parece ser intransponível. Entretanto, a visão clássica parece explicar muito bem a formação artificial de conceitos, onde as condições de controle e manipulação das variáveis de uma pesquisa experimental de laboratório favorecem a determinação de limites claros e precisos entre as classes. A validade interna deste tipo de pesquisa é, sem dúvida, excepcional, sendo ao contrário difícil de ser transposta para o meio ambiente natural.

A posição de Roch parece mais direcionada à formação natural dos conceitos, sem qualquer tentativa de restringir ou dirigir este

processo. Deste modo, a forma de aprendizagem de conceitos no meio ambiente natural parece ser mais adequadamente respondida por este enfoque, assim como a explicação da etologia de conceitos semelhantes nos membros do ambiente natural, uma vez que estes estariam expostos às mesmas situações e, principalmente, experiências.

O conceito de "conceito" segundo Madeira (1987), seria "uma organização mental que possibilita identificar, relacionar, hierarquizar, enfim, classificar os elementos que constituem o universo que nos cerca, permitindo assim, a construção de uma representação mental do mesmo" (pg. 37). A "mente" neste caso seria relacionada a uma condição biológica, geneticamente determinada, que serviria de ponto de partida para a construção do mundo mental.

Neste sentido, os conceitos são os processadores das informações oriundas do meio ambiente. É através deles que respondemos ao mundo externo, uma vez que os mesmos nos fornecem a significação, a simbolização do mesmo. Desta forma, os conceitos são particularmente importantes para a vida do ser humano, tanto ao nível social como individual.

O conceito que a população forma a respeito da Psicologia deve estar submetido às mesmas leis e princípios que fornecem a base para a formação dos demais conceitos.

De acordo com Ferreira (1975), a Psicologia pode ser definida como a ciência dos fenômenos psíquicos e do comportamento. Já para Figueiredo (s.d.) seria o tratado acerca de alma ou das faculdades intelectuais e morais, enquanto que para Nascentes (1988) é a ciência que estuda os fenômenos psíquicos e o comportamento humano quando reage globalmente às situações externas ou necessidades internas.

As concepções anteriormente citadas indicam as definições encontradas em alguns dicionários da língua portuguesa sobre o significado da palavra "Psicologia".

Para Bleger (1984), são fatos comuns na Psicologia as contradições entre a teoria e a

prática do psicólogo, de forma que estas poderão levar a diferenças significativas na conceituação que os psicólogos e a população fazem da Psicologia.

A atuação dos profissionais é a forma mais direta de se representar a identidade social que a profissão possui. Segundo o C.F.P. (1988), a maioria dos psicólogos brasileiros atuam na área clínica e com referencial psicanalítico, o que pode levar à criação de uma representação social de uma profissão de caráter liberal e autônomo.

Segundo Ravazzolo e cols. (1991), a maioria dos estudantes de Psicologia percebem o ser humano como o possível objeto de estudo da Psicologia, encontrando, entretanto, uma grande dificuldade de definição deste objeto de forma mais precisa. Parece claro que a dificuldade de se definir o objeto de estudo de uma ciência é relativa à dificuldade de conceituar a própria ciência.

Campos e cols. (1992), em uma ampla pesquisa junto à população leiga na região da grande S. Paulo, entrevistaram 1552 sujeitos, levantando algumas dimensões do conceito que os mesmos possuíam a respeito dos psicólogos e da Psicologia, encontrando uma forte dominação da idéia de uma ciência que estudava a mente do ser humano, com referencial psicanalítico e atuando principalmente com pessoas desequilibradas na solução de problemas. Seus dados refletem a atuação dos profissionais detectada na investigação realizada pelo C.F.P. (1988).

Nesta mesma pesquisa, os autores verificaram que os teóricos mais relacionados à Psicologia pela população de nível escolar mais baixo foram, por ordem decrescente, Sigmund Freud, Alan Kardec, Chico Xavier e Paulo Coelho.

Vale compreender estes dados em função da concepção probabilística, uma vez que tanto a imagem social reflete os conceitos de "Psicologia" dos sujeitos, como estes conceitos irão nortear a conduta da própria sociedade em relação ao psicólogo.

Esta realidade, sem dúvida, é no mínimo alarmante, ao se considerar que o conceito formado pela população ocorre de forma natural, a partir da experiência e das informações que os sujeitos possuem com os protótipos de psicólogos e da Psicologia.

A identificação das variáveis que facilitam ou dificultam a formação de um conceito adequado por parte da população pode ser elemento centralizado na relação entre os demais membros de uma sociedade com os profissionais desta área, pois refletem de alguma forma a prática destes, ao mesmo tempo que esta pode ser o reflexo da expectativa da própria sociedade.

Obviamente, identificar todas as variáveis é tarefa das mais exaustivas, fato que limita o alcance do presente estudo. Mais especificamente, o objetivo do presente trabalho foi:

- 1 - levantar os atributos definidores da Psicologia na opinião de estudantes universitários da área e de outras; e
- 2 - comparar uma possível variação entre estes atributos em razão do momento que os estudantes estão no curso e da área cursada.

Método

Sujeitos

Foram sujeitos 198 alunos de uma mesma universidade privada da cidade de São Paulo, de ambos os sexos, com idade superior a 18 anos, divididos em 4 grupos de acordo com o(s) curso(s) e ano cursado. Todos os sujeitos foram determinados acidentalmente:

- Grupo 1** - 50 alunos do 1º ano de Psicologia;
- Grupo 2** - 50 alunos do 3º ano de Psicologia;
- Grupo 3** - 50 alunos dos 1ºs anos dos cursos de Direito (N=15), Engenharia (N=15) e Administração (N=20); e
- Grupo 4** - 48 alunos dos 3ºs anos dos cursos de Direito (N=15), Engenharia (N=15) e Administração (N=18).

Material

Foi utilizado um questionário contendo, além da parte de identificação do sujeito, uma

única pergunta, na qual se pedia para o mesmo definir da forma mais precisa e completa possível o que é "Psicologia".

Procedimento

Esta etapa foi dividida em dois momentos:

- 1 - Aplicação coletiva do instrumento nos sujeitos por pesquisador anteriormente familiarizado com o mesmo.
- 2 - Categorização dos elementos das definições colhidas junto aos sujeitos por dois juizes-psicólogos trabalhando em conjunto, tendo como base os critérios de equivalência entre os termos utilizados (sinônimos ou função) pelos sujeitos, identificando assim os atributos que tiveram a frequência mensurada. Tal estratégia foi necessária dado o grande número de atributos inicialmente identificados, de modo que sua categorização facilitou o reconhecimento. Mais especificamente, os atributos definidos foram:

- a) **Ciência:** atividade baseada em metodologia apoiada nos paradigmas científicos e reconhecidos pela sociedade como tal.
- b) **Comportamento humano:** conjunto de atos motores e verbais que podem ser observados diretamente; encaixam-se nesta categoria as definições como "estudo do comportamento humano, influência do meio externo, modo de agir, modo de ser etc.
- c) **Comportamento animal:** conjunto de atos motores voluntários e involuntários que podem ser diretamente observados.
- d) **Personalidade:** este atributo refere-se diretamente a uma das áreas de estudo da Psicologia.
- e) **Espírito:** as expressões categorizadas neste item indicam conceitos religiosos como "alma", "espírito", "reencarnação" etc.
- f) **Homem:** as terminações que apresentavam a existência de um "fenômeno humano" enquanto algo a ser estudado.
- g) **Mente humana:** aparece como "subjetividade", "consciente versus inconsciente", "cére-

bro", ou seja, termos que pressupõem uma concepção dinâmica da psique.

h) **Solução de problemas:** definição de conhecimento que visa a "ajuda", "auto-ajuda" etc.

i) **Biopsicossocial:** termos que designavam um atributo em área do domínio conexo, tais como "parte da medicina", "cultura" etc.

j) **Relações Humanas:** termos que indicavam as relações entre dois ou mais seres humanos (relações familiares, grupais ou relações do homem com a sociedade).

k) **Arte:** atividade criativa, baseada em parâmetros mais práticos que teóricos.

l) **Compreender o outro:** expressões que designavam a função de compreensão dos problemas ou condutas dos seres humanos.

m) **Por quês:** termos de conteúdos inespecificados que indicavam o questionamento reflexivo dos motivos dos homens serem e se comportarem.

n) **Mudança de comportamento:** implica termos que identificavam mudanças nos padrões de comportamento dos sujeitos.

o) **Loucura:** termos que designavam padrões comportamentais em total desacordo com o socialmente estabelecido.

p) **Inteligíveis:** expressões como: "complexa", "estudo profundo", "abstrata", sem qualquer outro termo que lhe desse significação.

q) **Outros:** termos sem qualquer relação com as categorias acima - "fins mercadológicos", criação de problemas" etc.

Resultados

Para fins de análise, o χ^2_0 foi calculado tendo como base as porcentagens de respostas dadas pelos sujeitos.

Em termos dos atributos observados, verificou-se que os sujeitos utilizaram mais de um atributo para conceituar a Psicologia. Deste modo, o grupo G1 utilizou em média 2,74, o grupo G2 registrou média de 2,92 atributos por definição, o grupo G3 2,46 e o grupo G4 teve o desempenho médio de 1,67).

Tabela 1 - Frequência e frequência percentual dos atributos categorizados nos sujeitos dos Grupos 1 e 2

GRUPOS ATRIBUTO	GRUPO 1		GRUPO 2	
	F	F%	F	F%
Ciência	59	43,06	44	30,13
Comportamento Humano	24	17,51	32	21,91
Comportamento Animal	1	0,73	0	-----
Personalidade	0	-----	1	0,68
Espírito	0	-----	0	-----
Homem	11	8,04	4	2,73
Mente Humana	26	18,98	28	19,23
Solução de Problemas	8	5,84	10	6,84
Biopsicossocial	1	0,73	0	-----
Relações Humanas	0	-----	9	6,16
Arte	0	-----	1	0,68
Compreender as Pessoas	0	-----	7	4,80
Por quês	1	0,73	0	-----
Mudança de Comportamento	0	-----	6	4,10
Loucura	2	1,46	2	1,37
Inteligibilidade	4	2,92	0	-----
Outros	0	-----	2	1,37
TOTAL	137	100,00	146	100,00

Os atributos que mais vezes ocorreram (Tabela 1) nos sujeitos do curso de Psicologia (G1 e G2) foram "Ciência" (G1 = 43,06% e G2=30,13%), "Mente Humana" (G1=18,98% e G2=21,91%) e "Comportamento Humano" (G1=17,51% e G2=21,91%), enquanto que nos grupos de sujeitos de outros cursos (Tabela 1) os atributos mais freqüentes foram "Comportamento Humano" (G1=17,07% e G2=25,00%), "Mente Humana" (G1=15,44% e G2=25,00%), "Solução de problemas" (G1=13,82 e G2=15,00%). Aparece, ainda, no G1 no terceiro posto, junto com "Solução de Problemas", o atributo "Ciência" com 13,82%, enquanto que no G2 este atributo esta no quarto posto (11,25%).

O calculo do X^2_o entre os Grupos 1 e 2 (Tabela 3) resultou em 34,57 (para $X^2_c = 26,30$, n.g.l. = 16 e n. sig. = 0,05) sendo a hipótese de nulidade rejeitada. A comparação do desempenho destes mesmos dois grupos (Tabela 4) demonstrou uma correlação significativa entre ambos ($r_o = 0,460$ para $r_c = 0,399$), ou seja ambos tendem a utilizar os mesmos atributos.

Já o calculo do X^2_o entre os Grupos 3 e 4 (Tabela 3) resultou em 21,59 e a hipótese nula não foi rejeitada ($X^2_c = 26,30$, n.g.l. = 16 e n.sig. = 0,05), enquanto que a correlação dos resultados de ambos os grupos resultou, novamente, em índice não significativo de r_o ou seja, 0,327 ($r_c = 0,399$).

Tabela 2 - Freqüência e freqüência percentual dos atributos categorizados nos sujeitos dos Grupos 3 e 4

GRUPOS ATRIBUTO	GRUPO 3		GRUPO 4	
	F	F%	F	F%
Ciência	17	13,82	9	11,25
Comportamento Humano	21	17,07	20	25,00
Comportamento Animal	0	-----	0	-----
Personalidade	1	0,82	1	1,25
Espírito	7	5,69	0	-----
Homem	12	9,79	3	3,75
Mente Humana	19	15,44	20	25,00
Solução de Problemas	17	13,82	12	15,00
Biopsicossocial	0	-----	1	1,25
Relações Humanas	9	7,31	3	3,75
Arte	0	-----	1	1,25
Compreender as Pessoas	7	5,69	4	5,00
Por quês	2	1,62	0	-----
Mudança de Comportamento	0	-----	1	1,25
Loucura	2	1,62	0	-----
Inteligibilidade	7	5,69	5	6,25
Outros	2	1,62	0	-----
TOTAL	123	100,00	80	100,00

Na comparação entre os grupos em razão do ano do curso superior cursado (Tabela 3), os resultados dos Grupos 1 e 3 resultou em um X^2_o igual a 56,29, sendo a hipótese de nulidade rejeitada ($X^2_c = 26,30$, n.g.l. = 16 e n.sig. = 0,05) enquanto que o desempenho dos mesmos grupos foi correlacional ($r_o = 0,498$ sendo $r_c = 0,399$).

Tabela 3 - Síntese da comparação Inter-Grupos dos resultados observados (X^2_c , n.g.l. = 16 e n. sig. = 0,05)

Comparação	$X^2_{\text{observado}}$	Decisão
G1 vs. G2	34,57	Ho Rejeitada
G3 vs. G4	21,59	Ho não rejeitada
G1 vs. G3	56,29	Ho Rejeitada
G2 vs. G4	21,72	Ho não rejeitada

O X^2_0 na comparação entre os Grupos 2 e 4 resultou em 21,72, e a hipótese de nulidade não rejeitada ($X^2_c = 26,30$, n.g.l. = 16 e n.sig. = 0,05). O cálculo de correlação (Tabela 4) resultou em 0,737 sendo r_c igual a 0,399, o que demonstrou um desempenho correlacional entre os grupos.

Tabela 4 - Correlação dos resultados observados ($r_c = 0,40$)

Correlação	$r_{\text{observado}}$	Decisão
G1 vs. G2	0,46	correlacional
G3 vs. G4	0,33	não correlacional
G1 vs. G3	0,50	correlacional
G2 vs. G4	0,74	correlacional

Discussão e conclusão

Nos resultados observados verificou-se a tendência dos Grupos 1 e 2 definirem a Psicologia em termos de três atributos básicos: "Ciência", "Mente" e "Comportamento Humano", fato que está de acordo com as definições socialmente aceitas (Ferreira, 1975; Figueiredo, s.d.; Nascentes, 1988), enquanto que nos grupos 3 e 4 a tendência foi em termos dos atributos "Comportamento Humano", "Mente" e "Solução de problemas". Tal diferença pode ser explicada pela influência do curso de Psicologia nas definições dos sujeitos dele originários.

Estes dados refletem no caso dos grupos 3 e 4 os dados do C.F.P. (1988), onde a maioria dos psicólogos atuam na área clínica (solução de problemas), e de Campos e cols. (1992), no que tange à identidade social de caráter clínico que a Psicologia brasileira possui, conceito este que limita sensivelmente a vivência profissional do psicólogo a uma linha teórica e um campo de atuação: a área clínica.

Pode-se perceber que os conceitos possuem elementos comuns independentes do tipo de sujeito, de forma que a influência do meio esteja visível quanto às dimensões naturais do conceito de "Psicologia".

A diferença significativa encontrada entre os grupos 1 e 2 era esperada, pois ao final do terceiro ano espera-se que o aluno consiga conceituar de forma mais completa sua futura

profissão do que o aluno que encerra o primeiro momento, sendo ao que parece, mais uma questão quantitativa do que qualitativa, dado o desempenho correlacional que os mesmos apresentaram. A aprendizagem formal no curso de Psicologia parece favorecer a mudança mais acentuada do conceito.

As estruturas cognitivas que devem nortear o comportamento do futuro profissional, propostas por Holloway (1988), parecem explicar concretamente as diferenças observadas.

A diferença não significativa observada na comparação dos grupos 3 e 4 pode ser considerada como esperada, uma vez que sendo o curso de uma outra área, o mesmo não deveria interferir na conceituação dos sujeitos, já que a instrução formal não visa a formação das estruturas cognitivas acima mencionadas embora muitos cursos possuam disciplinas da área.

O desempenho dos G3 e G4 não foi significativamente correlacional, fato que indica a possibilidade de alguma matéria específica no curso influenciar os sujeitos. Esta possível influência pode ser verificada no aumento da frequência dos atributos "Ciência", "Comportamento Humano" e "Mente" no G4. Estes dados, entretanto, não podem ser considerados como conclusivos, pois esta não foi uma variável controlada pelo presente estudo, sendo necessários outros estudos para dirimir a dúvida presente.

Na comparação dos grupos em função do ano cursado na Universidade, verificou-se uma diferença significativa no desempenho dos G1 e G3, sendo esta provavelmente de ordem quantitativa e não qualitativa, uma vez que os mesmos tiveram um desempenho correlacional, indicando novamente a influência do curso nas estruturas cognitivas dos sujeitos.

Já a comparação dos G2 e G4 mostra uma diferença não significativa entre os resultados, indicando uma maior semelhança entre os grupos. Neste ponto, as diferenças parecem ser, novamente, mais qualitativas do que quantitativas, principalmente quando comparadas com definições de Psicologia socialmente esta-

belecidas de Ferreira (1975), Figueiredo (s.d.) e Nascentes (1988).

Vale ressaltar que as diferenças significativas encontradas podem ser explicadas pelas experiências dos sujeitos com a Psicologia e com os psicólogos antes e após o início da vida universitária, explicando ainda, as possíveis distorções observadas, se considerarmos a proposta de Bleger (1984) anteriormente mencionada.

Considerando os quatros atributos mais freqüentes em cada grupo, as seguintes definições resultantes são:

G1 - "Ciência que estuda as faculdades mentais e o comportamento humano, visando a compreensão do homem".

G2 - "Ciência que estuda o comportamento humano e as faculdades mentais, visando a solução de problemas".

G3 - "Ciência que estuda o comportamento humano e as faculdades mentais, visando a compreensão do homem".

G4 - "Ciência que estuda o comportamento humano e as faculdades mentais, visando a solução de problemas".

Pode-se perceber que a compreensão do fenômeno humano aparece nas definições oriundas dos sujeitos que iniciam a vida acadêmica (G1 e G3).

A Psicologia não parece ter o objetivo de explicar a totalidade deste fenômeno, mas sim de uma parte dele, uma vez que a explicação do fenômeno humano é função de uma vasta gama de áreas de estudo como a Filosofia, Teologia, Antropologia, Biologia etc.

A atribuição inadequada de critérios pode estar relacionada a uma prática distorcida, que pode estar sendo efetivada por psicólogos mal-preparados (Bleger, 1984). Esta situação parece ser confirmada parcialmente com os dados relatados por Campos e cols. (1992), nos quais a população brasileira possuiria uma concepção sobre o papel social do psicólogo e da Psicologia distorcida em relação ao esperado,

fato este que deveria ser alvo de maior atenção das agências de classe e formação profissional.

As definições formuladas a partir dos sujeitos mais adiantados na formação escolar parecem refletir mais precisamente as definições socialmente estabelecidas, fato que parece estar ligado ao sistema formal de ensino, não apoiando a hipótese de pré-programação genética.

O fato principal é a maneira como estes sujeitos formaram os conceitos que servem de base para suas definições. Este estudo não teve a condição de precisar a forma, pois não controlou variáveis importantes como a experiência anterior dos sujeitos e, principalmente, a ausência de sujeitos iniciantes da formação universitária.

Uma vez controladas estas variáveis, será possível verificar o conceito formado de modo natural e as influências posteriores do sistema formal de educação.

Pode-se concluir que os atributos mais significativos para a formação do conceito "Psicologia" são "Ciência", "Mente" e "Comportamento Humano". Estes atributos vão ao encontro das definições técnicas e indicam uma visão parcialmente adequada por parte dos sujeitos.

Infelizmente, a maioria da população brasileira não possui nível escolar universitário, não sendo possível generalizar as conclusões desta investigação para toda nossa população, fato este que indica a necessidade de se continuar avaliando como a população esta percebendo e conceituando a Psicologia e seus profissionais.

Referências

- BLEGER, J. (1984) *Psicologia da Conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- CAMPOS, L.F.L. et cols. (1992) Opinião da População Brasileira a Respeito da Psicologia e dos Psicólogos. *Anais do VI Encontro Paranaense de Psicologia*, pg. 68.
- CAMPOS, L.F.L. (1989) *Supervisão Clínica: Um Instrumento de Avaliação do Desempenho Clínico*. Dissertação de Mestrado, PUCCAMP, Campinas.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (1988) *Quem é o Psicólogo Brasileiro*. S.Paulo: EDICON.
- FERREIRA, A.B. DE H. (1975) *Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. S. Paulo: Nova Fronteira.
- FIGUEIREDO, C. (S/D) *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa: Ed. Portugal-Brasil.
- FLAVELL, J.F. (1976) O Desenvolvimento de Conceitos. In P.H. Mussen (org.) *Carmichel Psicologia da Criança*, S.Paulo: EPU/EDUSP, vol. VI.
- GARDNER, H. (1985) *The Mind's New Science: A History of Cognitive Revolution*. New York: Basic Books.
- HOLLOWAY, E.L. (1988) Models of Counselor Development or Training Models for Supervision? Rejoinder to Stoltemberg e Delworth. *Professional Psychology: Research and Practice*, 19 (2): 138-140.
- KELLER, F.S. E SCHOENFELD, W.S. (1968) *Princípios da Aprendizagem*. S.Paulo: Herder.
- MADEIRA, M.J.P. (1987) Perspectivas em Psicologia Cognitiva Contemporânea: Os Conceitos Mentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2 (1/2): 37-46.
- MILLENSON, J.R. (1975) *Princípios de Análise do Comportamento*. Brasília: Coordenada Editora.
- MOREIRA, M.A. (1985) *Ensino e Aprendizagem: Enfoques Teóricos*. S. Paulo: Ed. Moraes.
- NASCENTES, A. (1988) *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch.
- POSNER, M.L. (1980) *Cognição*. S.Paulo: Interamericana.
- OSGOOD, C.E. (1973) *Método e Teoria na Psicologia Experimental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- RAVAZZOLO, A.C.F. et. cols. (1991) Conceitos de Psicologia e Psicólogo: Relato de um Exercício. *Psico*, 22 (2): 175-185.